

perfil.

@antonn_ich

linha do tempo.

my life.

triggers.

nenhum.

participação.

Anjou von Krovi.

tags.

#selfplot #turnos #transcrição



The big little older sister.

Verdadeiramente gigante

Antonn estava esparramado em sua cama, as cortinas totalmente abertas para deixar entrar o máximo de luz do sol possível, o calor preenchendo o quarto. Diferente da maioria das pessoas, quando estava triste ele não queria se esconder no escuro e no frio, mas sim se cercar de luz e calor em uma tentativa de afastar os sentimentos negativos, de afastar as sombras.

Tinha tomado banho, vestido o short de dormir e deitado na cama sem mexer-se para nada além de olhar o celular de tempos em tempos em busca de novas mensagens da sua irmã. Vulghare, havia sumido entre as plantas e não parecia querer aparecer tanto cedo.

Suspirou fundo e afundou a cara do travesseiro dando um grito abafado.

Anjou empurrou devagar a porta do quarto. A cabeça loira foi a primeira coisa a aparecer; o urutau de olhos esbugalhados, a segunda. Quando ela abriu o suficiente para passar, Vasyl bateu as asas para dentro, e se empoleirou na janela, alerta. A alma de Anjou estava mesmo inquieta. Alguma coisa deu errado.

Fechou a porta com a mesma suavidade com que a abriu. Passo atrás de passo, sentou no colchão macio antes de esparramar o corpo pequeno sobre as costas do irmão mais novo. Fechou os olhos e beijou seu ombro. Esperaria que ele falasse, no próprio momento.

Não precisou verbalizar nada para que Antonn soubesse que estava ali por ele.

No exato momento que sentiu o peso sobre si, sabia instantaneamente que era sua irmã e seu coração apertou, o beijo no ombro logo em seguida foi o estopim para que o ucraniano começasse a chorar instantaneamente. Primeiro com a cara afundada no travesseiro, mas logo ajeitou-se na cama fazendo a irmã se ajeitar também, encolhido, deitou a cabeça no colo da outra e ficou ali, as lágrimas escorrendo pelo rosto e fúgadas.

Anjou não tinha o costume de chorar. Não porque se considerava forte ou inabalável, mas porque a traumática relação com Kladmir a ensinou, desde pequena, a reprimir a sensação sufocante de precisar colocar para fora. Ela só chorou em duas ocasiões específicas: no dia em que Ymir morreu e no dia em que Antonn nasceu.

Mas vê-lo chorar em seu colo, tão pequeno e quebrado, fez com que seu olho verdadeiro se enchesse de lágrimas. Não fez nada a respeito. Não as enxugou, nem fingiu que nada acontecia. Ao invés disso, apenas o apertou forte com os seus braços e

PRINCE OF UKRAINE

JANUARY 21, 2001

AQUARIUS

AESCULAPIUS



No song
...

apoiou a testa contra os cabelos ondulados. Beijou, e beijou mais de uma vez. Queria destruir a coisa que o deixou naquele estado — e provavelmente iria, assim que ele desse nomes aos bois.

O mais novo sentiu os beijos de sua irmã em seus cabelos, testa e rosto e aos poucos foi conseguindo segurar as lágrimas, fazia cócegas e ele até mesmo esbanjou um leve sorriso com carinho.

Foi transportado para antes de tudo aquilo, quando ainda vivia no palácio e uma versão mais nova de si mesmo também era abraçado e beijado da mesma forma que agora, por uma Anjou maior do que ele, mas igualmente preocupada. Os papéis haviam se invertido, Antonn era bem maior que ela agora, mas sua irmã mais velha continuava a parecer gigante.

Antonn virou-se e na cama e agora tinha o rosto virado para cima, encarando a irmã e o teto ao mesmo tempo. Ainda aéreo.

— Oi — Disse sentindo a mão dela passar por seus cabelos os separando em cachos que insistiam sempre em voltar para o lugar.

— Oi, meu amor... — Sussurrou atenciosa, os lábios comprimidos num sorriso triste. Ver o seu irmãozinho daquele jeito era doloroso. Insuportável. — O que aconteceu...? Você quer me contar?

— Quero — Respondeu em um suspiro.

Antonn fechou os olhos, respira fundo enquanto organiza seus pensamentos, seus sentimentos. Queria ser sincero ao máximo com a irmã, como sempre foi.

— Eu... — Franziu os lábios e repensou a frase — Porque eu não sou normal?

Franziu as sobrancelhas, mas não por estar zangada com o rapaz. Apenas não gostou daquela pergunta, e nem do que poderia estar por trás de tamanho disparate. — Primeiro de tudo, vamos estabelecer o conceito de normalidade. Você está falando de agir segundo os costumes ou é algo além disso?

Antonn franziu o cenho e decidiu que iria explicar logo, falar de uma vez. Colocou para fora tudo o que estava pensando, então respirou fundo e se concentrou ao máximo nos dedos da irmã em seus cabelos e na respiração dela junto a sua.

— Eu não sei se você sabia... — Começou — Eu tinha começado a sair com o Kahoni esses dias e estava tudo bem, mas eu fiquei com medo de dar errado porque ele é monogâmico e eu não, fiquei com medo de falar disso com ele... e bem... eu não precisei. Ele terminou comigo ontem, quer dizer, a gente terminou. Porque ele não consegue, ele me viu com o Jae e ficou muito mal, e eu não quero magoar ele, mana, então a gente terminou.

Conforme Antonn se abria, no canto do quarto, uma loris lento saia de entre as folhagens e movendo-se quase que em câmera lenta escalava a janela e ia aos poucos se aproximando de Vasyll, buscando no daemon o mesmo acalento que Antonn buscava na irmã.

— ... E hoje... O Ramsés me disse que vai se casar, algo arranjado sei lá, então a gente vai ter que terminar também. E eu.. não consigo parar de pensar — Antonn apertou os lábios e os olhos para não chorar de novo, respirou fundo mais uma vez — Que isso acontece porque eu sou assim, porque eu não amo certo. Esculápio tem razão... Eu vou ficar sozinho.

Sentiu a respiração pesar a cada frase. Em algum ponto, Anjou puxou o ar pela boca com força. Nenhuma lógica no mundo a faria ser razoável ou compreensível. Quis torcer o pescoço de Kahoni, quis empalar Ramsés e sua droga de casamento arranjado. Seu sangue borbulhou nas veias, muito embora se esforçasse para reprimir a raiva e a angústia. Antonn precisava dela. Aqueles dois poderiam ir para o inferno.

Segurou o rosto do rapaz com urgência, encarando-o nos olhos com urgência. — Ele está errado! Está errado, Antonn, errado. Você nunca ficará sozinho, porque o seu coração é puro e você é capaz de amar. Você amará muitas pessoas e será amado de volta. Os deuses nem sempre dizem a verdade. Eles não ditam o nosso destino, entendeu?

Passou os polegares abaixo dos olhos úmidos do irmão. Anjou não segurou o choro. Não suportava vê-lo infeliz. Se Antonn se visse da mesma forma que ela o enxergava, saberia que Esculápio se enganou ao seu respeito. Desde o primeiro momento, sentiu amor por aquele pequeno bebê chorão. Desde o primeiro momento, soube que ele traria alegria e afeto a muitas vidas. Anjou garantiria a felicidade dele, até o fim dos seus dias.

Antonn absorve cada palavra de Anjou, não era a primeira vez que as ouvia. Não era a primeira vez que chorava no colo da irmã por aquele motivo, pois não era a primeira vez que tinha desilusões, não era a primeira vez que se via com medo do futuro e com medo das palavras de seu patrono. Ainda se lembrava com clareza do dia em que contou para Anjou que gostava de meninos, no plural, nunca no singular. A irmã não havia visto ele crescer e nem ele a ela, Antonn não tinha tido oportunidade até então de viver sua sexualidade ou sequer qualquer tipo de vida social.

A irmã que ele via no palácio após a execução de Kladmir era ao mesmo tempo familiar e estranha, uma mistura dos dois, ele estava sim com medo quando a contou choroso sobre isso. Com medo de apanhar, de ser repreendido, de ser colocado para fora, com medo de tudo aquilo que ele sabia que Kladmir teria feito com ele no momento que ele revelasse isso ao que chamavam de seu pai. Mas a irmã apenas sorriu e o abraçou naquele dia dizendo que estava orgulhosa dele ter contado para ela. De ele ter confiado nela. Lembrou-se também da promessa dela quando com a espada ainda banhada de sangue do tirano, ela se aproximou dele carregando um pequeno Erike no colo e com um toque em seu ombro e expressão cansada ela prometeu que ele nunca mais iria sofrer.

"Não se preocupe, Antonn, eu nunca mais vou deixar que alguém te faça sofrer, nunca mais"

A promessa não era fácil de manter, ela mesma já o havia feito chorar muitas vezes com sua maldição avançando e ele sem saber como fazer, mas ele confiava em Anjou o bastante para acreditar nela todas as vezes. Então decidiu que iria acreditar nela mais uma vez.

— Você fica feia chorando... — Disse tentando quebrar aquele clima horrível, tentando esboçar um sorriso entre suas lágrimas e a dela também — Te amo.

Riu entre as lágrimas, balançando a cabeça negativamente. E enquanto Vasyll arrumava Vulghare com o bico, ajeitando seu pelo carinhosamente com o bico, Anjou beijou as pálpebras de Antonn com total dedicação. Nunca mais permitiria que ele sofresse... Mesmo que fosse arrogância demais da sua parte, lutar contra todas as decepções do mundo.

— Pois você fica pior ainda — deitou com ele, sendo a conchinha de fora. Apertou-o com força, protetora. — Eu te amo, meu bebê. Você é lindo, por dentro e por fora. Sinto

O ucraniano sorriu dentro do abraço, novas lágrimas voltaram a descer quietinhas pelo seu rosto, mas iria ficar tudo bem. Anjou estava ali, sua irmã gigante e poderosa que espantava monstros embaixo da cama, que dava beijinhos que faziam cócegas e que andava descalça como uma riponga.

Ficou ali por um tempo que não sabe qual foi, pois acabou adormecendo enquanto recebia o calor de sua irmã. Quando acordou, as janelas abertas já mostravam mais do crepúsculo do que do dia, mas Anjou ainda estava ali. Ela encarava a prateleira de ervas de Antonn com muita confusão, ele não etiquetava nada, mesmo com os olhos treinados de Anjou para plantas, parecia estar com dificuldades para reconhecer as ervas já secas e moídas. E cheirar elas estavam fora de cogitação, sabia que algumas eram tão venenosas quanto podiam ser as plantas mais perigosas. Vulghare foi quem veio ao socorro de Anjou, a daemon subiu na bancada e esticou o braço pegando um dos frascos e dando para a rainha que lhe deu um sorriso em retorno.

Aquilo daria um ótimo chá, Antonn percebeu o fogo aceso ao lado com o bule em cima e ajeitou-se na cama sorrindo.

Tinha a melhor irmã do mundo.